



Portas fechadas para a juventude

Síntese: *A inserção dos jovens brasileiros no mercado profissional continua a ser difícil e as condições pouco avançaram nos anos recentes. Quanto mais baixa a faixa etária, mais grave é o problema: há hoje no país 659 mil pessoas com idade entre 15 e 24 anos sem emprego. Na média, a taxa de desemprego juvenil triplicou nos últimos 20 anos. Os programas criados pelo governo do PT fracassaram em ampliar as oportunidades no mercado de trabalho. Em contrapartida, em São Paulo a expansão da rede de ensino profissionalizante escancarou as portas do emprego para a juventude.*

Gerar mais e melhores oportunidades de emprego e renda deve ser a principal prioridade dos agentes públicos que se dedicam a construir um país melhor. Dentro desta diretriz, mais importante ainda é abrir vagas de trabalho para jovens, os principais afetados pelo desemprego. A inserção da juventude brasileira no mercado profissional continua a ser difícil e as condições pouco melhoraram nos anos recentes.

O problema da geração de emprego para jovens não é exclusivo do Brasil. Em todas as partes do mundo, é comum que o desemprego nas faixas etárias mais baixas seja bem maior do que a taxa geral ou a que mede especificamente a desocupação entre adultos. A razão entre a taxa de desemprego juvenil (entre 15 e 24 anos) e a taxa adulta no país situa-se em torno de 3,5 vezes. Isso significa que, para cada adulto sem trabalho, há pelo menos três jovens ociosos. Tal distância aumentou nos últimos anos: no início da década de 90 a proporção era de 2,8.

Calcula-se que existam hoje no país cerca de 51 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. É este o tamanho da nossa juventude, contingente que tende a reduzir-se ao longo das próximas décadas, em função de um processo demográfico que resulta no envelhecimento médio dos brasileiros. Equivale a algo como 30% da população, parcela por si só eloquente a ponto de justificar atenção especial do governo, em seus diversos níveis. Entre os jovens, 4,5 milhões são considerados em situação de risco: não têm emprego, não tiveram ensino fundamental e estão fora da escola.

Desemprego triplica

Quanto mais baixa a faixa etária, mais grave é o problema do desemprego. Entre os que têm entre 15 e 17 anos de idade, a média de desocupação foi de alarmantes 28,5% no ano passado. Já esteve pior: na média, o ano de 2003 registra o índice mais elevado, com 38,2%. Em números absolutos, 107 mil jovens desta faixa estão desempregados hoje. A eles se somam 552 mil desocupados com idade entre 18 e 24 anos, universo em que o desemprego atingiu média de 18% em 2009.

Estudo recente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostra que as dificuldades de ingresso e permanência dos jovens no mercado de trabalho

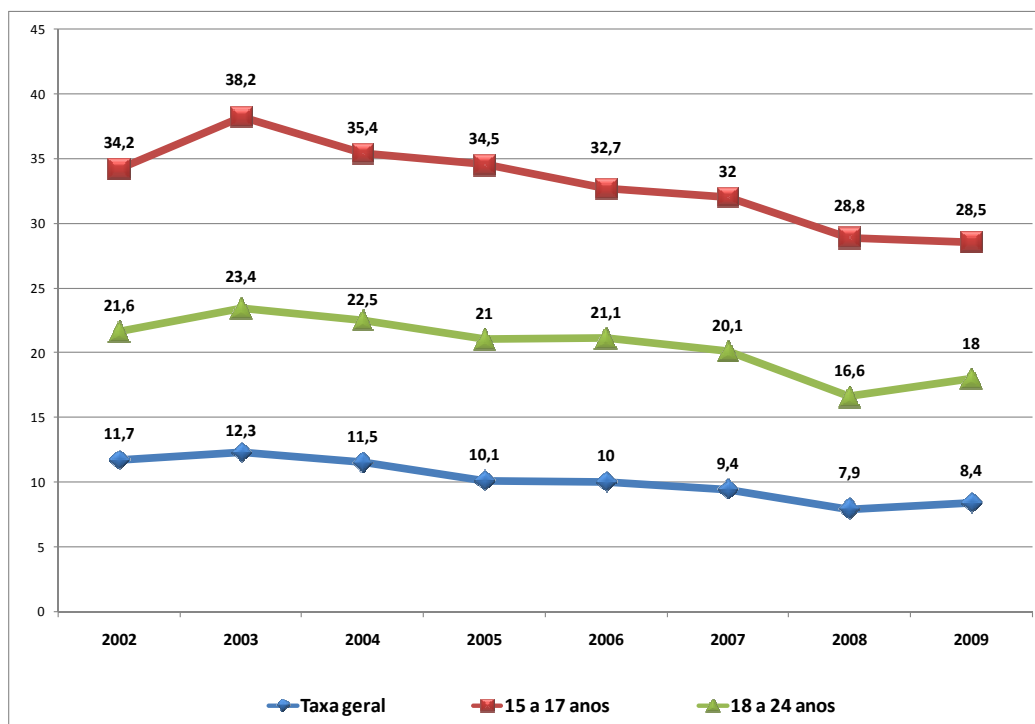
são crescentes. Para os que têm entre 16 e 20 anos, a taxa de desocupação simplesmente triplicou ao longo das duas últimas décadas: saltou de 7% em 1987 para 20% em 2007. Naquele ano, 60% do total de desempregados no país eram jovens de até 29 anos de idade.

Dados mais recentes devem indicar que a situação piorou. Em tempos de crise econômica, os jovens são os primeiros a ser demitidos e os últimos a conseguir recuperar o trabalho. Isso só serve para acentuar uma tendência que já vem de antes: a desocupação entre a juventude cresce a taxas maiores do que a média geral.

Programas malsucedidos

Desde o início, as políticas do governo Lula voltadas a prover formação profissional e gerar oportunidades de emprego para jovens foram um rotundo fracasso. O primeiro programa a naufragar foi o Meu Primeiro Emprego. Uma das principais promessas de campanha do primeiro governo do PT, jamais chegou perto da meta traçada: o objetivo declarado era criar 260 mil vagas para jovens por ano, mas, quatro anos depois, nada além de 15 mil haviam sido abertas. Em 2008 o programa foi varrido do mapa.

Taxa de desemprego no país*



Fonte: IBGE / Pesquisa Mensal de Emprego. *Média anual.

Pífios também são os desempenhos de dois programas sucedâneos: o Jovem Aprendiz e o Projovem. O primeiro destina parte das vagas de emprego em empresas a aprendizes com 14 a 16 anos de idade. Novamente, a meta ficou muito além da capacidade de execução petista: das 800 mil oportunidades que se previa gerar, apenas 156 mil se concretizaram até o fim do ano passado. O programa caminha em marcha lenta e, se mantiver o ritmo observado em 2009, demandará mais três décadas para atingir seus objetivos – ou seja, está mais para Idoso Aprendiz.

Já o Projovem é destinado, entre outros aspectos, a prover educação profissional para jovens. Oferecer este tipo de ensino é uma das maneiras mais eficazes de impulsionar a entrada no mercado de trabalho. A meta do programa é beneficiar 4,2 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, mas, passados dois anos, o público atingido foi de apenas 1 milhão de jovens e adolescentes. Pretende-se chegar a mais 1,3 milhão neste último ano da gestão Lula.

O sucesso do ensino profissionalizante

A oferta de educação profissional na esfera federal tem sido insuficiente para atender as necessidades de formação dos jovens com vistas a ampliar suas chances de trabalho. Segundo o Ministério da Educação, apenas 11,4% da demanda potencial por cursos desta natureza foi atendida em todo o país em 2006. Ainda assim, tal oferta mostrou-se bastante concentrada: no Nordeste, por exemplo, apenas 8% dos municípios contavam com cursos técnicos.

Formar mão-de-obra qualificada, orientada para as demandas do mercado de trabalho, tem sido a melhor forma de garantir empregos em quantidade e com qualidade para os jovens. É o que tem ocorrido, por exemplo, no estado de São Paulo. Neste e nos últimos três anos, R\$ 3,2 bilhões terão sido investidos para expandir as vagas em duas modalidades: ensino técnico, que oferece formação de nível médio, e ensino tecnológico, que oferta cursos superiores de tecnologia. Neste semestre, 124 mil estudantes estão matriculados nas escolas técnicas (ETEC) e nas faculdades de tecnologia (Fatec) mantidas pelo governo paulista.

A capacidade deste sistema para inserir os jovens no mercado de trabalho é incontestável: até um ano depois de formados, entre 80 e 90% dos alunos das ETEC e Fatec estão empregados. Uma das razões do sucesso é a estreita relação que os formuladores das políticas do estado estabeleceram com os empregadores e a realidade econômica. Cursos e unidades são criados levando-se em conta as necessidades de mão-de-obra: assim, o perfil de determinada região agrícola é considerado na abertura de novas turmas no interior, enquanto, na Grande São Paulo, predomina a formação voltada a indústrias e prestação de serviços. Está aí mais uma boa receita para o Brasil; a juventude agradece.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . itv@itv.org.br